

A Perola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—* Assignaturas*—
 Semestre 250 reis
 Com estampilha 300 reis
 Anual 30 reis
 Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Proprietario e Editor
Antonio Augusto Veiga
 Composição e impressão, Typ. «Ovarense»—Ovar

DIRECTOR—Francisco d'Oliveira Belle
 DIRECTOR Charadístico—Manoel B. Silva
 REDACTOR—Francisco d'Oliveira Gomes
 ADMINISTRADOR—Manoel Alves Copreia

A PEROLA deseja a todos os seus collaboradores, assignantes e leitores **BOAS-FESTAS.**

para a fria sepultural
 Dizemos que nos causou profunda magoa e quem ha que não sinta uma profunda e cruel afflicção ao ver uma mão cruel

amigo João mais uma vez lhe manifestamos a expressão sincera do nosso sentir.

Portalegre 6—12—90g.

J. da C.

No chão das estradas, nas pedras dos montes, nos lagos, nas fontes em todo o local, Se vê bem claro annuncio evidente, dizendo á gente: —E' hoje o Natal.

Tambem, pois, eu quero dizer ás leitoras, gentis amadoras do nosso jornal, Em versos singelos, mas cheios de luz: —Ora a Jesus Que é hoje o Natal.

Porto, Dezembro de 1909

Maria Pinto Leite Ferreira (Orchidea)

O Natal de Jesus

(A meus adorados tios D. Filomena Leite e Costa e José Francisco da Silva Costa)

Voando alegres por sobre as roseiras, que tenho, altaneiras, no lindo quintal; Em brandos trinados cantando, as aves, murmuram suaves: —E' hoje o Natal.

Nas aguas do rio que correm, gementes, por entre os ridentes relevados do val, Estão refulgindo as letras douradas, dizendo ás quebradas: —E' hoje o Natal.

Nas verdes ramagens do sol inundadas eu vejo gravadas em cor sem equal, A letras perfeitas da phrase divina dizendo á campina: —E' hoje o Natal.

No cume das rochas das nuvens visinho, onde arma o seu ninho a aguia real, Em longos afágos, em meigos carinhos diz ella aos filhinhos —E' hoje o Natal.

Feminismo e Amor

Falla-se tanto em feminismo, em educação da mulher, em prerogativas que o nesso sexo tem direito a conquistar, que não ha espirito illustrado de mulher que não se preocupe um pouco com o problema do seu futuro.

Para aquellas cuja sorte está lançada ou que não teem filhos, —darei antes: filhas—o assumpto é nullo e desprovido de interesse, a não ser que haja a animá-las um philantropico amor do proximo.

Para aquellas, contudo, que tem uma larga estrada a percorrer, estrada que lhes é a maior parte das vezes um doloroso ponto de interrogação, ou para as que, tendo filhas, desejariam afastar-lhes todos os espinhos do caminho da vida, o problema apresenta-se em toda a sua vitalidade, como um mytho, um chimera que começa fulgindo entre as brumas d'uma nevoenta manhã de inverno.

I

Dois casos se me apresentam

O corpo redactorial da «Perola» envia á Ex.^{ma} Sr.^a D. Amelia Carvalho d'Almeida, os seus mais sentidos pezaumes pelo fallecimento de sua Ex.^{ma} filha e nossa saudoza collaboradora.

Adelina Carvalho d'Almeida (Anileda)

Quando hontem liamos «O Seculo» deparamos ao acaso com uma noticia que bastante nos surpreendeu e que nos causou profunda magoa, a do fallecimento em Ponte do Sor, d'esta nossa collega e distincta collaboradora d'«A Perola».

Dizemos que tal noticia nos surpreendeu, porque havia pouco tempo nos tinham dito que Anileda em breve casaria, e que estava proximo o dia mais bello e alegre para os noivos; e é quasi proximo a esse sublime dia que a traiçoeira Parca desce sobre ella e com as suas garras invenciveis a arrastou para a fria cova,

Quem ha que permaneça insensivel em face de tal barbaridade? Ninguem por certo. Assim era Anileda. Quando a sua existencia se lhe mostrava risonha, quando a sua vida se lhe mostrava repleta de felicidades e com um futuro alegre, é que a cruel Parca vem sobre ella. Desditosa Senhora!

Charadista distincta, Anileda collaborou ao lado dos grandes mestres da arte de Larama, em diversos jornaes do paiz, onde attestou os seus creditos charadísticos.

Nunca conhecemos pessoalmente Anileda, mas a maneira com que se nos dirigiu ainda que poucas vezes, quando fomos director charadístico dos jornaes «O Noticias de Portalegre» e «O Pagode» que ella honrou com a sua collaboração, deunos uma prova da sua fina intelligencia, da lucidez do seu espirito e da sua affabilidade no tractar.

Que a desditosa Anileda descance em paz, que durma socegada o eterno somno dos justos; e á sua bondosa mãe, a nossa distincta collega Ailena de quem temos recebido as mais sinceras provas de estima, que não merecemos, a quem de certo vamos augmentar mais a profunda dor que a domina, com estas nossas humildes mas sinceras palavras, assim como a seu extremoso pae e seu querido irmão e nosso

N. Nov. Lagoa a quantia de oitenta reis de sellos de annuncios publicos neste jornal nos n.ºs 23 e 24, que finda a cada mes em conformidade com o regulamento do jornal de 1910

Almeida

Almeida

SELLO DE VERBA

A Perola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—* Assignaturas*—
Semestre 250 reis
Com estampilha 300 reis
Avulso 30 reis
Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Proprietario e Editor
Antonio Augusto Veiga
Composição e impressão, Typ. «Ovarense»—Ovar

DIRECTOR—Francisco d'Oliveira Belle
DIRECTOR Charadistico—Manoel B. Silva
REDACTOR—Francisco d'Oliveira Gomes
ADMINISTRADOR—Manoel Alves Correia

A PEROLA deseja a todos os seus collaboradores, assignantes e leitores **BOAS-FESTAS.**

para a fria sepultura!
Dizemos que nos causou profunda magoa e quem ha que não sinta uma profunda e cruel afflicção ao ver uma mão cruel

amigo João mais uma vez lhe manifestamos a expressão sincera do nosso sentir.

No chão das estradas, nas pedras dos montes, nos lagos, nas fontes em todo o local,
Se vê bem claro annuncio evidente, dizendo á gente:
—E' hoje o Natal.

Portalegre 6—12—90g.

J. da C.

«colher mimosa flor...
Para ir depois, talvez Parar á rua e ser calcada aos pés Oh! seja de quem for!»

O Natal de Jesus

(A meus adorados tios D. Filomena Leite e Costa e José Francisco da Silva Costa)

Voando alegres por sobre as roseiras, que tenho, altaneiras, no lindo quintal;
Em brandos trinados cantando, as aves, murmuram suaves:
—E' hoje o Natal.

Nas aguas do rio que correm, gementes, por entre os ridentes relevados do val,
Estão refulgindo as letras doiradas, dizendo ás quebradas:
—E' hoje o Natal.

Nas verdes ramagens do sol inundadas eu vejo gravadas em côr sem equal,
A letras perfeitas da phrase divina dizendo á campina:
—E' hoje o Natal.

No cume das rochas das nuvens visinho, onde arma o seu ninho a aguia real,
Em longos afagos, em meigos carinhos diz ella aos filhinhos
—E' hoje o Natal.

Tambem, pois, eu quero dizer ás leitoras, gentis amadoras do nosso jornal,
Em versos singelos, mas cheios de luz:
—Orae a Jesus Que é hoje o Natal.

Porto, Dezembro de 1909

Maria Pinto Leite Ferreira (Orchidea)

Feminismo e Amor

Falla-se tanto em feminismo, em educação da mulher, em prerogativas que o nosso sexo tem direito a conquistar, que não ha espirito illustrado de mulher que não se preocupe um pouco com o problema do seu futuro.

Para aquellas cuja sorte está lançada ou que não teem filhos, —darei antes: filhas—o assumpto é nullo e desprovido de interesse, a não ser que haja a animá-las um philantropico amor do proximo.

Para aquellas, comtudo, que tem uma larga estrada a percorrer, estrada que lhes é a maior parte das vezes um doloroso ponto de interrogação, ou para as que, tendo filhas, desejariam afastar-lhes todos os espinhos do caminho da vida, o problema apresenta-se em toda a sua vitalidade, como um mytho, um chimera que começa fulgindo entre as brumas d'uma nevoenta manhã de inverno.

I

Dois casos se me apresentara

O corpo redactorial da «Perola» envia á Ex.^{ma} Sr.^a D. Amelia Carvalho d'Almeida, os seus mais sentidos pezaumes pelo fallecimento de sua Ex.^{ma} filha e nossa saudoza collaboradora.

Adelina Carvalho d'Almeida (Anileda)

Quando hontem liamos «O Seculo» deparamos ao acaso com uma noticia que bastante nos surpreendeu e que nos causou profunda magoa, a do fallecimento em Ponte do Sor, d'esta nossa collega e distincta collaboradora d'«A Perola».

Dizemos que tal noticia nos surpreendeu, porque havia pouco tempo nos tinham dito que Anileda em breve casaria, e que estava proximo o dia mais bello e alegre para os noivos; e é quasi proximo a esse sublime dia que a traiçoeira Parca desce sobre ella e com as suas garras invenciveis a arrastou para a fria cova,

Quem ha que permaneça insensível em face de tal barbaridade? Ninguem por certo. Assim era Anileda. Quando a sua existencia se lhe mostrava risonha, quando a sua vida se lhe mostrava repleta de felicidades e com um futuro alegre, é que a cruel Parca vem sobre ella. Desditosa Senhora!

Charadista distincta, Anileda collaborou ao lado dos grandes mestres da arte de Larama, em diversos jornaes do paiz, onde attestou os seus creditos charadisticos.

Nunca conhecemos pessoalmente Anileda, mas a maneira com que se nos dirigiu ainda que poucas vezes, quando fomos director charadistico dos jornaes «O Noticias de Portalegre» e «O Pagode» que ella honrou com a sua collaboração, deunos uma prova da sua fina intelligencia, da lucidez do seu espirito e da sua affabilidade no tractar.

Que a desditosa Anileda descance em paz, que durma socegada o eterno somno dos justos; e á sua bondosa mãe, a nossa distincta collega Ailema de quem temos recebido as mais sinceras provas de estima, que não merecemos, a quem de certo vamos augmentar mais a profunda dor que a domina, com estas nossas humildes mas sinceras palavras, assim como a seu extremoso pae e seu querido irmão e nosso

N. Mos. Tagon a quantia de oitenta reis de multas e damunios publicos neste jornal nos n.º 23 e 24, que ficou firmada no livro competente
Ovar, 23 de Janeiro de 1910

Almeida

agora á imaginação, nos quaes, mais tarde ou mais cedo, o feminismo apparece á mulher como a aurora da libertação.

O primeiro, que resumidamente passo a expôr, traz-lhe a desilusão depois de um casamento a que, quasi creança, acceden.

O segundo traz-lh'as ainda antes, muito antes mesmo.

Quanta rapariga solteira não ha para ali que cifra toda a sua esperança no casamento e cujos ideaes apenas tendem á vida de escravidão que o contracto nupcial lhe proporciona?!

Habitou-se de creança a ouvir fallar no seu casamento, como d'uma cousa certa, inevitavel, á que não pôde fugir. Aceita-o, pois, como uma obrigação e uma necessidade.

Casa muita vez sem quasi conhecer o amor.

A mãe prohibiu ás amigas que abordassem certos assumptos, que fallassem no mais pequeno escandalo; livros... a pobre rapariga só poude lêr os romances de Julio Diniz e outras obras innocentes. Sabe bordar, toca pianno, diz duas palavras... só duas! de francez e tem exame de intrucção primaria.

Não sabe trabalhar em roupas brancas; não sabe fazer os seus vestidos, não sabe sequer governar a sua casa!

Está, porém, habituada a viver bem, a comer bem e a... vestir bem! E' um objecto de luxo e de despeza!

Não tem dote! Mas, como o pae tem um ordenado razoavel, a familia habituou-se aos gastos, sem pensar que no dia de amanhã, a pedra d'um sepulchro pôde ter descido sobre o infatigavel trabalhador.

Que será pois da mulher assim acostumada se o pae lhe vier a fallar sem que ella tenha encontrado um casamento, se não tem aptidões para ganhar a sua vida?...

E' por isso que a familia, com toda a circumspecção, tratou de afastar d'ella a convivencia com certos homens; é por isso que só lhe admittiu á intimidade dois ou tres rapazes, muito parvos, muito sonsoz, que apenas sabem apreciar as prendas que a gentil menina possue...

E... aos 18 annos, a rapariga está casada!

Lera os olhos fechados!

Nada sabe da vida!

Mais tarde vem a desilusão, o desespero!... O ménage mal unido!... A desgraça!

Quem teve a culpa?... Ella? Ah! não! coitada: é a martyr!

O marido! E' tambem uma victima, se não é porventura o carasco!

Os paes?! Tambem não! E' o meio acanhado em que vivemos.

A. M.

EXPEDIENTE

Vamos proceder á cobrança do semestre que termina n'este mez.

Esperamos que todos satisfarão logo que lhes seja apresentado o recibo.

A varina

Ellas ali andam por essas ruas exhibindo os pés nus, em plena liberdade, com as canastras á cabeça, atroando os ares com a voz sã, e cadenciada, soltando o pregão habitual:—*Ail... que rica sardinha, meninas!... Quem a quer bibinha!*...

No alvorecer da vida, foi a varina embalada pelo seu patrio mar, sendo-lhe berço a fragil launchinha do pescador; e a filha do mar, dormindo ao escabujar da tempestade em sonhos architectava, na phantazia, as aspirações de futuro, umas chimeras da sua imaginação ingenua e simples.

Um dia o acaso trouxe-a por esse Tejo abaixo, atrahida pela pescaria, que ella carrega á cabeça, offerecendo a nas povoações, percorrendo as ruas, agil, desembaraçada.

Vede-a;—a saia de baêta azul-escuro, cingida graciosamente pela facha preta; as roupinhas escuras abertas no peito, patenteando a camisa de estopa grossa, cheia de folhos, sobre a qual pende do collar de contas douradas a cruzinha de ouro; as arrecadas colossaes, fructo do seu trabalho, e de suas economias, seu ornato predilecto, o ouro, muito ouro comprado barato nos ourives do Porto, que ella exhibe a flux, especialmente nos seus dias festivos, semelhando uma ourivesaria ambulante, percorrendo essas ruas com o seu pregão habitual:—*biba, bibinha!*...

O rosto alegre protegido dos ardores do sol, pelo chapéo d'aba larga; sympathicas na sua rudeza agradavel, acceleradas na marcha, a tez semi-rosada, o olhar dôce, os musculos desenvolvidos na gynastica dos remos, eilas que seguem ávante essas bellas raparigas, cheias de

vida, respirando a pleno peito as auras matutinas.

O alvorecer, que lhe patenteia o dia, precursor do trabalho, constitue para ella o seu dote, a sua riqueza.

O patrio mar, a canastra, o barco, preenchem-lhe as aspirações; a sua voz forte e sonora repercute-se através do espaço n'um rythmo demorado e cadente:—*biba, bibinha! Quem a quer bibinha!*...

F. P. Albano Gonçalves.

Declaração

Fazem-n'a João Madria e Marcello, tambem conhecido n'estas columnas por outros pseudonymos taes como Morgaño, Eduardo, Alfredo, etc., etc., etc., de que deixaram de ser colaboradores d'«A Perola» o primeiro d'este numero em diante e o segundo desde o numero 21.

Da Elegia do Outono

Arbustos seccos, troncos sem folhagem
Ao céu levantam braços supplicantes,
Na agonia sem pranto da estagem
Que faz do Outono,—o amigo dos amantes

Teixeira de Pascoaes.

I

Emquanto o Sol parece agonizar
Na curva ensanguentada do Poente
A noite vem descendo lentamente
Das serras d'alem mar,
O fumo dos casaes,
Em brancas nuvens, vae subindo ao longe
Até perder-se pelo ar que esfria
E na rama dos vélhos pinheirae
O vento entoa, como um triste monge,
Um psalmo de Agonia.

II

Eu não sei se tu amas, como eu amo,
As tardes outonaes:
Coisas tristes... um sol amollentado
A cair para além dos pinheirae.

Tardes d'outono! E nós—que visionarios!—
Evocamos chyméras deslumbrantes.
Sonhos desfeitos... illusões perdidas...
Esp'ranças mortas e visões distantes.

III

As flores de que tu gostavas tanto
Emmurchecêram já;
Desfizeram-se em pranto!
Já não ha rosas, ha perpétuas, ha
Martyrios, cravos roxos, margaridas,
Crysanthemos, violetas e espinhos:
—Folhas e flores d'illusões perdidas
Pelo pó dos caminhos!—

Que triste fim d'outono! Um vento frio
Sopra agora das bandas do nascente,
E as folhas, arrastadas para o rio,
Lá se vão para longe, na corrente.

E, como as folhas, quantas vidas, quantas,
Arrancadas, tão cedo, ao seu penar!

—Cahem folhas, já sêccas, desprendidas,
Pelo vento que sopra d'além-mar.

IV

Lembro-me ainda bem
De tudo o que te disse e me disseste,
Por uma tarde fria, como a d'hoje,
Por uma tarde agreste
Em que o trinar dos ninhos,
A' hora dolorosa do sol-posto,
Lançava nos caminhos
A sombra d'um desgosto.

Que triste entardecer, oh! minh'amada,
E eu para aqui me fico a desfolhar,
No tumbo do Passado, esta saudade:
—Amortalhada esp'rança
Que me traz à lembrança
O que se foi para não mais voltar.—

V

Repará agora como os arvorêdos,
Tão cheios das tristezas outonaes,
Se curvam, desfolhados, para a terra
Na postura de sombras espectraes.
E eu ao vê-los assim tão desfolhados
Chêgo a julgar que são
Almas perdidas, sêres condemnados
Ou corações chagados
A soluçar, na vaga escuridão.

Que triste fim d'outono! E quantas vidas
A deſinhar-se como os arvorêdos!
—Minh'alma também tem vagos segredos...
Sonhos desfeitos... illusões perdidas.—

Coimbra 1909.

Fernandes d'Almeida.

Postaes masculinos

O amor brota nos olhos,
aquece-se na esperança e fe-
nece na ilusão.

Francisco Faria

O papel é um cofre
perfumado onde todos
derramam luzes; estas
representam a sciencia,
que é o foco mais pri-
mioso e culminante de
nossas ideias.

Serafim Neiva.

A alguém

Quando se encontra
a lealdade no coração da

mulher amada, o amor
tem que existir eterna-
mente.

Manoel Luiz.

Amisade—harmonio-
sa palavra que exprime
o ymbolo da lealdade
de dois corações que se
amam.

A. Arco-Verde.

Postaes femininos

Saudade! Saudade!... E' im-
possível descrever, mesmo palli-
damente, o que este tão sublime,
quão doloroso sentimento me faz
soffrer... A palavra não traduz a
dor de uma alma forte e vigorosa,
que se sente vencida pela saudade de
um coração affectuoso, que se sen-
te dorida e bipartido pela hir-

ta setta de uma cruel separação!..

Amelia da Silva.

O maior martyrio para um co-
ração que ama é viver ausente da
pessoa a quem dedica sincera
amisade.

Maria Antonietta.

A esperança é o balsamo
que cicatriza as chagas do
meu coração.

Carliudo Villela.

A separação do ente que mais
adoramos, não nos occasiona a
morte, mas despedaça-nos o cora-
ção, privando-o de todo o prazer
e felicidade.

Flôr do Campo

Supplica

(A' minha dilecta amiga Generosa dos
Prazeres Lopes)

Oh! virgem da trança negra
ó meu terno e doce encanto,
porque tão triste soluças,
porque deslisa o teu pranto?!

Não chores, porque me atormenta
esse teu longo soffrer;
enxuga o pranto e sorri
pois esperança deves ter!

Em outro amor mais seguro,
d'amante mais terno e qu'rido
esqueço, filha, o perjuro,
despreza o fementido.

Não chores, virgem, não chores,
oh! meu lindo bem-me-quer,
olha que um homem não vale
as lagrimas d'uma mulher!

Porto, 27—11—909.

Maria Pinto Leite Ferreira (Orchidea)

CORREIO DA CASA

Califa

Cá recebemos o seu arazoado
sobre o remate do «Concurso de
Belleza».

O sr., pelo modo como se ap-
resenta, não deseja por certo uma
resposta. Pois bem.

Não lh'a damos também. Ape-
nas faremos lembrar-lhe, que o

sr. se excede qu'anto ao que diz
sobreos segredos da redacção. Quem
disse a V. que aqui apenas foram
recebidos os votos que temos pu-
blicado? que a senhora que na
lista levou maior numero d'elles,
foi realmente, até á data a mais
votada?

E' o sr. advinho?

Ora então, se o concurso fe-
chou, é porque houve razões; e o
sr. vel-as-ha claramente, lendo o
que ao encerra-o se disse.

Quanto ás condições, ellas fo-
ram bem claras. Só as não vê
quem não quer.

De resto a nossa intenção não
foi senão esta: saber qual a dama
mais linda d'Ovar.—E temos dito.

OSCAR d'ALVAZIL—Os seus
versos sahirão no proximo nume-
ro assim como os de sr. Pinto
Ferreira. O espaço falta-nos d'es-
ta vez. Desculpem.

Secção charadistica

Homenagem á memoria da sua dis-
tincta collaboradora D. Adalina
Carvalho d'Almeida

Correio sem sel'o

A secção charadistica despe-
hoje as suas vestes de galla para
se cobrir de crepes, rendendo as-
sim a ultima homenagem á sua
tão querida quão sympathica col-
laboradora que, sob o pseudony-
mo de «Anilêda» tanto honrou o
nosso humilde quinzenario, e que
em vida se chamou Adalina Car-
valho d'Almeida.

O director d'esta secção que
compartilha na dor que presente-
mente compunge o coração da
Ex.^{ma} Senhora D. Adalina Carva-
lho d'Almeida também nossa dis-
tincta collega e mãe d'aquella que
tão cedo nos fugiu, deixando-nos
mergulhados na máis profunda dor,
crê, interpretar o sentir de todos
os seus collaboradores que, a pro-
curarem a secção para se diverti-
rem e deparando-a luctuosa fica-
rão como que suspensos, sendo
logo obrigados a curvarem-se sob
o pezo da triste realidade!

Ainda mais: crelo bem, que
ficarão desgostozos, por, ignoran-
do tão triste acontecimento, não,
poderem também, protestar aqui
as suas sympathias para com a
illustre morta e sua ex.^{ma} familia.

Lamentando pois a perda da
nossa querida collega, á sua Ex.^{ma}
familia enviamos o nosso cartão de
pezames; e o protesto do nosso
mais profundo respeito.